

## **Possibilidades de uso da obra de Franklin Cascaes como recurso didático para o ensino de História sobre Florianópolis-SC**

*Possibilities of using the work of Franklin Cascaes as didactic resource for the teaching of History about Florianópolis-SC*

Janaína de Fátima Zdebskyi<sup>1</sup>

[janazdebskyi@gmail.com](mailto:janazdebskyi@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Os mitos não podem ser vistos como sinônimos de mentira, pois são narrativas que estão articuladas com a história e, quando encarados como fontes, auxiliam na compreensão das perspectivas de mundo e organização social dos grupos que compartilham deles. Assim, busco apresentar nesse artigo uma discussão por meio de revisão teórica a respeito do que são e para que servem os mitos e posteriormente apresentar e analisar brevemente alguns trechos da obra de Franklin Cascaes, "O fantástico na Ilha de Santa Catarina", objetivando compreender como os mitos sobre Florianópolis podem ser utilizados como materiais didáticos no ensino de história local.

**Palavras-Chave:** Franklin Cascaes; Ensino de História; Florianópolis-SC.

**Abstract:** Myths cannot be seen as synonyms of lies, because they are narratives that are articulated with history and, when viewed as sources, help to understand the world perspectives and social organization of the groups that share them. Thus, I try to present in this paper a discussion about what are the myths and for what they do serve. For that, I present and analyze briefly some excerpts from the work of Franklin Cascaes, "O fantástico na Ilha de Santa Catarina" (The fantastic on the Santa Catarina Island), aiming to understand as the myths about Florianópolis can be used as didactic materials in the teaching of local history.

**Keywords:** Franklin Cascaes; History Teaching; Florianópolis-SC.

### **Introdução**

Os mitos não podem ser encarados como um sinônimo de mentira ou de história falsa, pois são narrativas que estão articuladas com a história e, quando encarados como documentos e fontes, podem auxiliar na compreensão das perspectivas de mundo e organização social dos grupos que compartilham dessas narrativas. Sob esse viés, tenho por objetivo pensar de que forma as narrativas escritas por Franklin Cascaes (2104) podem ser utilizados como recursos didáticos no ensino de história.

---

1 Doutoranda em história pela Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em história pela Universidade Federal de Santa Catarina, com bolsa CNPq; psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí; graduanda em história pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: janazdebskyi@gmail.com.



Para construir essa discussão, o presente artigo apresentará, primeiramente, uma revisão teórica sobre para que servem os mitos e o que seriam narrativas míticas, principalmente no sentido de sua utilização como fontes para a história; em seguida serão apresentados e analisados trechos da obra “O fantástico na Ilha de Santa Catarina”, bem como aspectos importantes acerca da vida do autor Franklin Cascaes; a partir disso passarei a discutir como essas narrativas míticas podem vir a ser utilizadas como um recurso para o ensino de história, com foco na história de Florianópolis e de personagens ligados com a cultura popular da Ilha catarinense.

### **Afinal, para que servem os mitos?**

Para iniciar a discussão sobre a função dos mitos, gostaria de discordar das noções que já apresentei anteriormente: de que os mitos são sinônimos de mentiras e histórias falsas. Para isso, podemos tecer um diálogo com Lévi-Strauss<sup>2</sup> e construir uma ideia de mito como perspectiva de mundo. O autor constrói importantes discussões a respeito do que chama de "pensamento selvagem", a partir das quais também podemos considerar que o pensamento e o conjunto de crenças e, por conseguinte, os mitos dos povos que deles compartilham não são nem inferiores e nem superiores à “racionalidade” sociedade contemporânea ocidental, diferente disso, essa organização social possui uma lógica própria, e os ritos e crenças que podem nos soar estranhos ou sem sentido estão totalmente de acordo com as convicções e necessidades das sociedades que os vivenciam.

Ainda sobre essas discussões de mitos como forma de percepção de mundo e ferramenta organizadora da vida, podemos entender que os mitos têm uma “constituição histórica de sentido”, ou seja, podem ser considerados históricos pelo sentido que possuem nas situações de comunicação da vida humana prática que emerge “na forma de uma história na qual o passado é interpretado, o presente entendido e o futuro esperando mediante essa mesma interpretação”<sup>3</sup>.

Além disso, mitologia não tem somente relação com o que chamamos e entendemos por “teologia” [explica isso melhor], mas sim com toda a experiência humana<sup>4</sup>. A esse

---

2 LÉVI-STRAUSS. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989. 320 p.

3 RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: Teoria da história: Fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. pp. 160.

4 ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



respeito, também podemos recorrer às contribuições de Mircea Eliade<sup>5</sup>, quando o autor afirma que os mitos seriam fenômenos humanos que falam sobre âmbitos da vida humana e, assim, são fenômenos de cultura que não se configuram como estáticos e inertes, pois são reinterpretados e reelaborados nas diferentes formas em que são contados oralmente, depois escritos, traduzidos e reatualizados com sua utilização ritualística. Nesse sentido, é importante destacar que ao estudar os mitos não se percebe somente a religião ou as crenças religiosas de um povo, visto que a mitologia permite conhecer diversos outros aspectos que vão desde a forma de organização social e hierarquias de poder existentes entre aquele povo até mesmo suas leis, valores morais e as mais abrangentes perspectivas de mundo e formas como se relacionam com o universo.

Claude Lévi-Strauss<sup>6</sup> também tece outras contribuições para essas discussões a respeito das repercussões da presença dos mitos na vida humana, afirmando que, o sistema mítico, além de ser um elo de conexão entre natureza e cultura, não pode ser resumido a um conjunto de crenças que permeia exclusivamente o âmbito religioso, visto que sua lógica está presente nos mais diversos planos do pensamento humano e em diferentes âmbitos da vida das pessoas que compartilham dele e da forma como interpretam o mundo e vivenciam seu cotidiano.

Nessa perspectiva, podemos discutir também a respeito dos mitos de origem, narrativas que funcionam como enunciados fundantes e mesmo tempo que fundamentam a construção de um grupo social, constituem os sujeitos desses grupos. Esses sujeitos que se identificam com um grupo social, encontram nessas narrativas míticas uma resposta sobre “a origem do seu mundo, da linguagem e da lei à qual se encontra submetido, respondendo assim à pergunta acerca da sua própria origem”<sup>7</sup>. Dentro dessa perspectiva, entendo que esses discursos fundadores constituem também a subjetividade e a identidade desses sujeitos inseridos no coletivo do grupo social.

Essa ideia de mitos de origem enquanto enunciados fundadores dialoga com a perspectiva de Maria Bernadete Ramos Flores<sup>8</sup> a respeito da “autoridade do passado”, quando a autora discute como a utilização do passado e os discursos que promovem a “invenção de tradições” passam a constituir as identidades étnicas das pessoas que adotam os ritos – ou

---

5 ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972. pp. 9-17.

6 LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978. 81 p.

7 SOUZA, Mériti de. Discurso fundador, história e subjetividades. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 12, p. 57-64, 2002. pp. 60.

8 FLORES, Maria Bernadete Ramos. A Autoridade do Passado. In: **A farra do boi**. Palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: UFSC, 1997. pp. 113-141.



práticas de cultura popular – e as narrativas dessas culturas que são sempre inventadas e reinventadas. Da mesma forma, as narrativas míticas não são estáticas, são transformadas sempre que são ritualizadas e construídas de acordo com a demanda das sociedades que as constroem, sendo que muitas vezes a demanda está relacionada com construir identidades de povo, manter unidade popular e diferenciar-se do “outro”. Sendo assim, as narrativas míticas e elementos da tradição e da cultura contribuem para que possamos entender a história de um grupo social, suas formas de organização, regras e perspectivas de mundo.

### **O fantástico na Ilha de Santa Catarina de Franklin Cascaes**

Considerando que por meio de narrativas míticas podemos compreender questões que tangem à organização social e perspectiva de mundo de um grupo de pessoas, adoto a obra “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina”, de autoria de Franklin Cascaes, como documento que torna possível abordar aspectos sobre a história de Santa Catarina, mais especificamente de Florianópolis.

Antes de abordar o livro em questão, gostaria de trazer algumas questões a respeito do autor. “Franklin Joaquim Cascaes nasceu na primavera, em 16 de outubro de 1908, na praia de Itaguaçu, no continente” em Florianópolis<sup>9</sup>, ele cresceu em uma família com mais doze irmãos e desde pequeno costumava participar das tarefas da propriedade de seus pais, como a lida no engenho de açúcar e de farinha de mandioca, além disso, também desde criança Cascaes já demonstrava interesse por desenhar, rabiscava com carvão, moldava bonecos com cerâmica e também se interessava muito por histórias sobre bruxas<sup>10</sup>.

Franklin Cascaes iniciou seus estudos já beirando os 20 anos de idade e em 1941 tornou-se professor da antiga Escola Industrial de Florianópolis; durante toda sua vida, dedicou-se à arte e a pesquisa, por 40 anos, ele pesquisou sobre as comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina, recolheu histórias e mitologias e desenhou formas e figuras artísticas<sup>11</sup>. Atualmente, suas obras e pensamentos estão presentes na cultura material de Florianópolis, em obras públicas, como o livro “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina”, esculturas espalhadas por importantes pontos da cidade, em exposições e até mesmo na própria Fundação Cultural de Florianópolis que leva o nome Franklin Cascaes como uma homenagem ao autor.

---

9 PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS, S/A.

10 Ibidem.

11 Ibidem.



No caso do livro em questão, “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina”, compila 24 narrativas sobre temas que envolvem principalmente as bruxas na ilha de Desterro<sup>12</sup> ou Florianópolis. Essas narrativas nos permitem compreender diversas questões a respeito do folclore regional e da cultura local, pois articulam essas bruxas com elementos como a pescaria, as armações baleeiras. Além disso, as narrativas falam sobre espaços da cidade, como o trecho do texto “Baile das Bruxas dentro de uma tarrafa de pescaria”:

A Luísa morava no Cacupé; a irmã dela, na Ponta do Sambaqui de Santo Antônio de Lisboa. Depois de recomendar mil vezes que a filha cumprisse à risca todas as recomendações, botou um xale na cabeça, calçou as chinelas de couro, segurou as alças de uma cesta de taboa e partiu rumo à Ponta do Sambaqui. Quando chegou em Santo Antônio de Lisboa, na Praia das Flores, sentiu-se um pouco meio cansada e procurou a casa de uma parente para descansar um pouco e tomar um gole de café corrido ou acompanhado, caso lhe fosse oferecido<sup>13</sup>.

Além de evocar a presença de bairros e praias locais, os textos também evocam, em sua narrativa, o elemento da linguagem local, escrevendo os diálogos entre os personagens com um formato que traz à tona expressões e sotaques atribuídos à população florianopolitana, como podemos observar no trecho do texto intitulado “Bruxa metamorfoseou o sapato do Sabiano”:

- Antão, sinhá Aniana, como vai passando vosso neto?  
- Máli, munto máli, minha fiia, o pobrezinho tá é sendo aperseguido por uma chusma de muieres bruxa, munto das semvregonha e discarada, que tão morando nesse lugá. Eu, se fosse otoridade, mandava prindê essas mula sem cabeça, amarrá elas nua numa foguera e mandá chicotiá o coro delas inté vê o sangue se sortá. Essas canaias, bandaias não passo é de sê umas égua do demonho. É com ele que essas canaias se afino pro mo'de só fazê o máli pros inocente que têm a desdita de nascer neste mundo, onde só se passa trabaio<sup>14</sup>.

Nesse sentido, é importante destacar que meio das obras de Franklin Cascaes é possível abordar uma diversidade de questões que vão muito para além da cultura açoriana e do açorianismo, as discussões e produções do autor não estão restritas a esse tema. Observando os trechos supracitados, podemos observar que Franklin Cascaes trabalha

12 Florianópolis, como é conhecida hoje a capital de Santa Catarina, levava o nome de “Nossa Senhora do Desterro” e, posteriormente, chamada apenas de Desterro, até o ano de 1894 quando, em meio a protestos e conflitos, passou a chamar-se Florianópolis em homenagem ao então Presidente da República Floriano Peixoto.

13 CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC. 2014. pp. 68.

14 Ibidem, pp. 165.



diretamente com questões relacionadas a manifestações culturais das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina<sup>15</sup>, ou seja, traz elementos que dialogam com a ideia de cultura popular e de como essa cultura pode auxiliar na construção de uma história a contrapelo<sup>16</sup>, ou vista de baixo, como já discutiam Carlo Ginzburg nas obras “História Noturna<sup>17</sup>” e “Mitos Emblemas e Sinais<sup>18</sup>”, principalmente considerando que nos textos de Cascaes se abordam sujeitos geralmente invisibilizados e marginalizados, como mulheres (bruxas) e pescadores.

### Mitos como recurso didático para o ensino de história

Para entender de que forma os mitos podem ser utilizados no ensino de história, gostaria de conectar os mitos com a escrita da história, ou seja, entender os mitos e épicos no lugar de uma escrita da história – e como performatização oralizada dessa história – para povos antigos, mas também para povos modernos que não tinha uma tradição de escrita difundida e por isso mantinham o registro e a disseminação de informações por meio da oralidade. Com essa perspectiva é possível compreender que quando os antigos registravam e narravam sua história misturando o mito e a realidade, os desejos e os fatos e as deusas(es) e humanos isso não se tratava de uma “incapacidade de representar seu passado apropriadamente”<sup>19</sup>, mas sim de uma forma própria de narrar sua história por meio de suas perspectivas de mundo e da forma como se relacionavam com o universo, tendo nos mitos, não só uma maneira para registrar e narrar, mas também para experienciar seu passado.

Nesse caso, sobre as possibilidades de usos da mitologia na história, diversos autores e autoras fazem essa discussão. Mesmo Le Goff<sup>20</sup> já reconhecia essa possibilidade, ao afirmar que:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar

15 SOUZA, Evandro André. **Franklin Cascaes**: Uma cultura em Transe. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós Graduação em História. 2000. 115 p.

16 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. **Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

17 GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

18 GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

19 SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? **História da historiografia**, Ouro Preto, v. 22, n. 1, 2013. pp. 174.

20 LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ----- **História e memória**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.



para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem<sup>21</sup>.

Nesse sentido é que podemos considerar que o autor reconhece a possibilidade de utilização dos mitos como documento, sendo que essa concepção foi construída em um processo de revolução documental que se opôs à perspectiva positivista sobre os documentos para a história. Essa nova concepção ampliada sobre os documentos para a história passou a considerar possível, como já mencionado acima, a utilização de qualquer vestígio humano:

Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história<sup>22</sup>.

Ou seja, a história está nos mitos e épicos, bem como nos documentos não escritos, como iconografias e esculturas produzidas.

Considerando essas questões e também que por meio de narrativas míticas, como os textos de Franklin Cascaes, podemos perceber e aprender sobre diversos elementos da cultura e história local, é que proponho a utilização dessas narrativas como material didático para ensino de história de Santa Catarina. Para isso, adoto uma perspectiva ampla de material didático que pode englobar a utilização de documentos, como aquele

conjunto de signos visuais e textuais que são produzidos sem uma finalidade escolar e que posteriormente passa a ser utilizado didaticamente. São objetos produzidos para um público amplo que, pela mediação pedagógica do professor, se transformam em materiais didáticos. Esses materiais não são necessariamente produzidos pela indústria cultural e são selecionados de diferenciadas formas, de acordo com a opção pedagógica do professor ou projetos pedagógicos da escola. São diversos materiais como contos, lendas, filmes, documentários, músicas, poemas, pinturas, revistas, jornais, leis, cartas, romances e outros<sup>23</sup>.

21 ANNALES D'HISTOIRE ÉCONOMIQUE ET SOCIALE, 1929 apud LE GOFF, 1992, p. 466.

22 COULANGES, 1901 apud LE GOFF, 1991, p. 465

23 SILVA, Elvis Roberto Lima da. Materiais Didáticos e as múltiplas linguagens no ensino de História dos anos iniciais. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social.** 2013. pp. 3. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371147152\\_ARQUIVO\\_TEXTOANPUH2013MateriaisdidaticoseasmultiplaslinguagensnoensinodeHistoriadosanosiniciais.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371147152_ARQUIVO_TEXTOANPUH2013MateriaisdidaticoseasmultiplaslinguagensnoensinodeHistoriadosanosiniciais.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2017.





Esses materiais didáticos são justamente o que Selva Guimarães Fonseca<sup>24</sup> considera como sendo diferentes fontes e linguagens no processo de ensino e aprendizagem, como o cinema, as canções, a literatura, a imprensa, as fontes orais e iconográficas, as tecnologias digitais e os museus e a cultura material. No caso dos mitos, eles constituem minimamente a categoria de literatura, sendo que muitas vezes estão no formato de poemas e épicos, além de serem considerados narrativas de tradição oral e que inspiram e constituem patrimônios materiais e iconografias.

No caso das obras de Franklin Cascaes inseridas nesse contexto da mitologia, uma das ilustrações feitas pelo autor veio a inspirar a escultura do Boitatá Incandescente, feita pelo artista plástico Laércio Luiz, a qual encontra-se no espaço da Universidade Federal de Santa Catarina, constituindo um patrimônio material de Florianópolis:

Imagem 1: Escultura do Boitatá Incandescente



Fonte: Disponível em

<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?pagina=notpagina&noti=1337>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

24 FONSECA. Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003. pp. 257.



Essa escultura traz justamente um personagem mitológico bastante conhecido na cultura local e também abordado nas narrativas de Cascaes: o Boitatá, personagem proveniente da cultura indígena que seria uma grande cobra com olhos que emanam uma luz muito intensa, capaz de segar quem o encarar<sup>25</sup>. Em seu mito, o Boitatá teria sido responsável por uma grande matança de animais que ele comia e por isso, como ele foi incumbido de proteger os campos e animais<sup>26</sup>, mas suas narrativas também o relacionam com a proteção de tesouros. Na escultura da foto acima, que foi inspirada na figura do Boitatá de Franklin Cascaes, o personagem mitológico carrega justamente essas características, um ser gigante, com uma bola vermelha e esbugalhada no lugar dos olhos, ele avança sobre o lago que se localiza em uma das partes mais movimentadas da Universidade Federal de Santa Catarina, justamente por ser em frente ao Restaurante Universitário, sendo assim, uma imagem vista cotidianamente por centenas de pessoas.

As narrativas de Franklin Cascaes trazem diversos elementos da cultura e da história de Florianópolis, patrimônios materiais, como a menção à espaços da cidade, praias, bairros e regiões, além de esculturas e desenhos, mas também patrimônios imateriais, como a linguagem e os personagens e narrativas mitológicas. Mesmo esses patrimônios da cultura imaterial, ganham materialidade nos textos de Franklin Cascaes, pois eles trazem ilustrações, como pudemos ver acima com o Boitatá. Nesse sentido, as produções de Cascaes trazem uma riqueza de elementos que podem ser trabalhados em sala de aula, como recurso didático para abordar essa cultura material e imaterial de Florianópolis.

Por fim, concordo com a perspectiva de Elvis Roberto Lima da Silva de que “os materiais didáticos são destinados a proporcionar um aprendizado significativo, organizando tempos e espaços educativos para a construção de saberes escolares de forma prazerosa<sup>27</sup>” e dessa forma, as narrativas míticas, ainda mais quando estão articuladas com o contexto e a cultura da cidade, podem se constituir como interessantes possibilidades de materiais didáticos para o ensino de história de forma significativa e criativa.

---

<sup>25</sup> FERNANDEZ, 2014, p. 29

<sup>26</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>27</sup> SILVA, Elvis Roberto Lima da. Materiais Didáticos e as múltiplas linguagens no ensino de História dos anos iniciais. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social.** 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371147152\\_ARQUIVO\\_TEXTOANPUH2013MateriaisdidaticoseasmultiplaslinguagensnoensinodeHistoriadosanosiniciais.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371147152_ARQUIVO_TEXTOANPUH2013MateriaisdidaticoseasmultiplaslinguagensnoensinodeHistoriadosanosiniciais.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2017. pp. 5.

## Considerações finais

Por meio destas reflexões a respeito de mitos e ensino de história, penso que a utilização de narrativas míticas pode se constituir de uma importante ferramenta enquanto material didático, capaz de cumprir distintas funções, desde possibilitar conhecimentos acerca da cultura e do folclore local, até mesmo possibilitar o conhecimento de novas perspectivas de mundo e a vivência de novas experiências com espaços da cidade, além de trabalhar a questão da leitura e da escrita criativa.

A utilização de narrativas míticas como recurso didático também pode possibilitar a execução de diversas atividades em sala de aula, como a prática de contagem de histórias, a produção de teatros ou mesmo ser articulada com visitas de campo aos espaços mencionados no contexto dos mitos.

Apesar de já não se tratar de um debate novo, a utilização de mitos no ensino de história ainda necessita de novas e mais profundas contribuições e aportes teóricos metodológicos para sustentar sua utilização em sala de aula, principalmente quando se trata do campo de ensino voltado para a história de um estado, como é o caso do tema “História de Santa Catarina”, por entender o quanto os mitos de origem ou fundadores, estão arraigados nas identidades da população de alguma forma.

As diversas produções de Franklin Cascaes, entre narrativas e obras literárias e também obras artísticas, como esculturas e figuras, abordam uma diversidade de temas que estão ligados à história e à cultura de Florianópolis: personagens mitológicos conhecidos na região, como as bruxas, mas também pessoas que habitam ou habitaram os diferentes espaços e bairros da cidade que são mencionados nos contos do autor, como os pescadores, pessoas escravizadas e colonos. Assim, essas obras são tanto uma fonte para a história quanto uma possibilidade de recurso didático a ser utilizado em sala de aula ao abordar-se questões sobre Florianópolis em história de Santa Catarina.

## Referências

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. **Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.



CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERNANDEZ, Bárbara Martinez. **Contribuições a uma reflexão acerca do trabalho com lendas do folclore brasileiro na educação formal de crianças pequenas**. 2013. 74 p., Monografia (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Autoridade do Passado. In: **A farra do boi**. Palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: UFSC, 1997. pp. 113-141.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papyrus, 2003.

GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ----- . **História e memória**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

LÉVI-STRAUSS. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS / FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS  
FRANKLIN CASCAES. **Franklin Cascaes**. S/A. Disponível em:  
<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=franklin+cascaes&menu=1&submenuid=sobre>>. Acesso em 23 nov. 2018.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: Teoria da história: Fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? **História da historiografia**, Ouro Preto, v. 22, n. 1, 2013. pp. 173-189.

SILVA, Elvis Roberto Lima da. Materiais Didáticos e as múltiplas linguagens no ensino de História dos anos iniciais. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. 2013. Disponível em:  
<[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371147152\\_ARQUIVO\\_TEXTOANPUH2013MateriaisdidaticoseasmultiplaslinguagensnoensinodeHistoriadosanosiniciais.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371147152_ARQUIVO_TEXTOANPUH2013MateriaisdidaticoseasmultiplaslinguagensnoensinodeHistoriadosanosiniciais.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2017.



SOUZA, Evandro André. **Franklin Cascaes**: Uma cultura em Transe. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós-Graduação em História. 2000. 115 p.

SOUZA, Mériti de. Discurso fundador, história e subjetividades. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 12, p. 57-64, 2002.

---

Recebido em 12 de dezembro de 2017.

Aceito para publicação em 11 de dezembro de 2018.

